

Simbiose: do Sionismo Bíblico ao Sionismo Histórico.

Graduando: Vitor Reis de Melo.

Resumo:

O texto do seguinte artigo baseado em uma parte do livro: *A Invenção do povo judeu: da Bíblia ao Sionismo*, de autoria de Shlomo Sand. É um debate historiográfico. Traduzido por Eveline Bouteiller. A estrutura do trabalho é dividida em: Esboço do Tempo judaico; O Antigo Testamento como mito-história; Raça e nação; Um debate de historiadores; Um olhar protonacional da perspectiva do Oriente; Uma etapa etnicista da perspectiva do Ocidente; O início da historiografia em Sião; Política e Arqueologia; A Terra se revolta; A Bíblia como metáfora. O livro citado acima é o mais conhecido de Shlomo Sand, sendo primeiramente publicado em Hebraico, e depois, e m inglês. E assim, foi difundido. Este livro é polêmico por desmascara uma união do Sionismo Bíblico com Sionismo político, que infelizmente acaba por se construir com Nacionalismo Político; Excludente; Chauvinista. O contexto de composição do Sionismo é do Século Científico-histórico (XIX). Onde Intelectuais Judeu-Alemães são embebedados pelo nascimento da jovem nação alemã sobre a égide de Otto Von Bismark. Ainda que, a sua área de especialização não seja Antiguidade, e por isso vem sendo muito apedrejada. Todavia, é essa obra que também o faz ser investigado e conhecido pela simplicidade de escrita, apesar de ser um debate historiográfico.

Resume:

The text of the following article based on a part of the book: *The Invention of the Jewish people: the Bible to Zionism*, authored by Shlomo Sand. It is a historiographical debate. Translated by Eveline Bouteiller. The structure of the paper is divided into: Outline of Jewish Time; The Old Testament as myth-history; Race and nation; A debate of historians; Protonacional a look at the Eastern perspective; Ethnicist a step Western perspective; The beginning of historiography in Zion; Politics and Archaeology; The Earth revolts; The Bible as a metaphor. The book mentioned above is the best known of Shlomo Sand, first being published in Hebrew and then in English. And so it was widespread. This book is controversial for debunks a union of Biblical Zionism with political Zionism, which unfortunately turns out to be built with Nationalism Political; Exclusionary; Chauvinist. Zionism composition context is the century scientifi co-history (XIX). Where Jewish-German Intellectuals are made drunk by the birth of young German nation under the aegis of Otto Von Bismark. Although, his area of expertise is not ancient, so it has been very stoned. However, it is this work which also makes being investigated and known for simplicity of writing, despite being a historiographical debate.

Esboço do Tempo judaico.

Segundo Shlomo Sand¹, nunca houve dentre os Historiadores judeus uma tentativa de registro de uma História Judaica Global passada. Ainda se procurarmos por autores como Flávio Josefo; Eusébio de Cesaréia. Mas, a essência do povo judaico é eivada de um mito histórico-teológico, ou seja, Deus no mundo metafísico intervém diretamente no natural. Tanto par corrigir como para livrar.

A cronologia laica caracterizada pela sucessão dos acontecimentos, era alheia “ao tempo da diáspora”, inteiramente voltado para o instante tão esperado em que supostamente se abriria a porta estreita para a passagem do messias. Passado antigo servia apenas como lembrança apagada destinada a conforta sua vinda (SAND, 2011, 124 p.).

No entanto, no a partir do século XVII com o Teólogo Jacques Basnage², a sua principal obra é: *A História dos Judeus desde os tempos de Cristo até os dias atuais, Rotterdam, 1705*. É um vulcão em erupção apontado para a Igreja Católica, de linha moral; religiosa e não histórica. Assim, Jaques Basnage não inicia seu livro com Gênesis³ - mesmo, sendo de confiabilidade. Pois, ambas as Bíblias tanto Católicas como Protestante tem-no como o primeiro livro. “De fato, a partir de Martinho Lutero, no século XVI, foram justamente os protestantes, e em particular a Igreja anglicana e seus comentaristas, que valorizaram o Antigo Testamento e deram prestígio a este” (SAND, 2011, 125p.).

Shlomo Sand não vê Jacques Basnage como um construtor de uma ponte entre os Antigos Hebreus e as Comunidades Judaicas do século XVII. Para Basnage: “o Antigo Testamento pertence aos descendentes dos *filhos de Israel*, o conceito que engloba tanto, ou mais, os cristãos quanto os judeus, pois o *verdadeiro Israel* é, segundo ele, o cristianismo” (SAND, 2011, 125p.). Concomitantemente, ele traz para os Judeus a ideia

¹ É Mestre a PhD em história da França. Nos anos de 1980na Universidade de Tel Aviv, em Berkeley na Califórnia e na França no École des Hautes Études en Sciences Sociales. Sand é Judeo-Polonês que sobreviveu ao holocausto. Seus temas pesquisados são: Nacionalismo; História do Cinema dos Intelectuais Franceses. Portanto, sua área de especialização é a Idade Moderna e França.

²Diplomata; Escritor; Historiador; Pastor e Teólogo. Seu Pai era advogado, já Avô a Bisavô eram Pastores. Pelo evento da revogação do Edito de Nantes fugiu da França para Holanda ficando sobre a tutela de Hensius. Foi o grande negociador do Tratado de 1717 entre: França; Inglaterra e Holanda. Escreveu obras sobre a História da Igreja e dos Judeus: **A História dos Judeus desde os tempos de Cristo até os dias atuais, Rotterdam, 1705**.

³ Vem do verbo grego “gunáicos”. É traduzido como o gerar. É uma visão teológico-cristã da origem não só da vida humana, mas de todo o universo.

de *Nação*, não de perspectiva moderna, e sim, mártir-histórica – pois, não aceitaram as palavras de Jesus Cristo, o Messias. Ainda com Basnage, os Judeus no Período Medievo passam por mal bocados nas mãos Papado Romano. “Apenas os progressos da Reforma Protestante esclarecida levaram a sal redenção final, ou seja, ao dia decisivo em que se realizou sua tão esperada conversão ao cristianismo” (SAND, 2011, 126 p.).

No Período do Iluminismo surge o Historiador Judeo-Alemão Isaak Markus Jost⁴ ele é um crítico da obra de Jacques Basnage História dos Judeus, mas paradoxalmente nunca deixou de referendá-lo. No século XIX é que as coisas acontecem. “O termo *israelita*, que os alemães começavam a usar para si mesmo, foi escolhido para ser agradável ao ouvido e para o de *judeu*, carregado de conotações muito negativas” (SAND, 2011, 126 p.). A partir daí as coisas mudam. Ela é: “o primeiro ensaio moderno que tentou contar a história dos judeus em seu conjunto e que foi escrito por historiador que se considerava e que definia a si próprio como judeu, e eludiu “muito naturalmente” o período bíblico” (SAND, 2011, 126 p.).

Segundo Shlomo Sand, o autor é não tem “consciência nacional, ou melhor, consciência nacional judaica” (SAND, 2011, 127 p.). O momento histórico em que Isaak Markus Jost vive onde os grandes Intelectuais Judeo-Alemães, ainda que ortodoxos referendavam-se em um contexto de muita cultura e religiosidade.

Grande parte das ideias das elites de origem judaica estava, nesse meio-tempo, apaixonada pelo projeto de emancipação que tinha por objeto a igualdade dos direitos cívicos, que havia começado a se expandir completamente nos diversos principados e realezas alemãs desde a segunda década do século e que constituía de fato o aspecto central do processo de nacionalização da política. Todo mundo esperava que o tão desejado Estado Alemão se desvinculasse de suas bases clericais e relegasse todas as religiões ao âmbito privado (SAND, 2011, 127 p.).

Isaak Markus Jost e um escritor liberal-iluminista, de educação judaica, um futurista. Ele por sua mente bem revolucionária incorpora *Espírito de Cidadania Alemã*, que já era algo real notório e palpável. Juntou-se com alguns Intelectuais também Judeus

⁴Gramático; Literato; Pedagogo. Perdeu o seu último parente os onze anos. Assim, através de um exame chega a Wofenbuttel. Ao ingressar Samuel Mayer Ehrenberg o faz estudar a língua alemã. É colega de Leopold Zunz. No Ginásio foi apadrinhado por uma de família de Brunswick, e na Universidade de Göttingen foi apadrinhado por Israel Jacobson. Mas, tornou-se um pregador. E mais par frente dirigiu um programa de ensino de alunos judeus e cristãos. No entanto, foi chamado para Frankfort-on-the-Main. Onde exerceu o mesmo cargo até o seu falecimento.

compôs o grupo que podemos chamar de *Círculo Científico*⁵, que redesenha e redimensiona os Estudos Judaicos.

Essa escola marcou todos os estudos judaicos da época moderna. Os membros do *Círculo Científico* e seis sucessores deliberaram longamente sobre a essência de sua identidade, questão que esteve na origem de inúmeros cismas em seu grupo. Esses jovens instruídos faziam parte da primeira geração de judeo-alemão que começaram a estudar nas universidades sem ainda ter acesso aos cargos universitários, em razão de sua origem religiosa particular. Eles ganhavam a vida como professores, jornalistas ou rabinos reformistas e faziam pesquisas filosóficas ou históricas durante seu tempo livre. Como intelectuais cujo patrimônio judeu constituía o principal capital simbólico, eles não estavam dispostos a renunciar a sua especificidade cultural e procuraram preservá-lo o melhor possível. No entanto, desejavam com fervor se integrar à nova Alemanha por vir. No início de seu percurso intelectual difícil e complexo, consideraram então a busca por seu passado judeu e a valorização de seu aspecto positivo como uma ponte suplementar que permitia a integração da comunidade judaica nessa futura sociedade alemã (SAND, 2011, 128 p.).

Portanto, pode se chegar à conclusão que o início da escrita moderna judaica não é de caráter nacional. Por isso que Leopold Zunz⁶ do *Círculo Científico* o início da história dos judeus está no retorno da Babilônia para Sião.

É somente então que começa a surgir, aos olhos desses historiadores o judaísmo histórico-religioso cuja forma cultural encontra sua fonte na experiência do exílio. Na sua origem, esse judaísmo foi nutrido e embalado pela Bíblia, mas se tornou pouco a pouco propriedade universal e também serviu como fonte principal para o surgimento mais tardio do cristianismo (SAND, 2011, 129 p.).

Para Shlomo Sand, tanto Jost como Zunz anelavam por “emancipação cívica total”. Essa ideologia um pouco mais tarde irá influenciar Abraham Geiger⁷ e a grande maioria que abraçará o Judaísmo Reformado do Oitocentos. Isaak Markus Jost ainda era o mais notável já existente de escola crítica de visão filológica. Para Sand, não há periodização histórica sem uma ideologia que a sustente, Jost com sua obra sempre objetivou manipular seus leitores – todos os que lessem a sua obra:

“a despeito de sua fé específica de israelitas, os judeus não constituíam um povo estrangeiro nos locais onde residiam pelo mundo. De fato, muito antes da destruição do Segundo Templo seus ancestrais preferiam viver fora da Terra Santa, e, apesar do separatismo de sua tradição religiosa, eles haviam

⁵Também é conhecido como: *Winssenschaft des Judentums*, isto é, *Ciência do Judaísmo*.

⁶Filólogo, Ensaísta, Escritor, Pregador; Reitor; Professor e Ativista Político. Compôs o *Círculo Científico* com: Isaak Markus Jost; Joel Abraham Lista; Heinrich Heine; Eduard Gans. Leopold Zunz nasceu em Detmold, e estabeleceu-se em Berlim, em 1815 morreu e permaneceu até sua morte em 1886.

⁷Foi educado tradicionalmente de forma judaica, sendo inserido no mundo alemão. Estudou as línguas orientais. Mais tarde tornou-se Rabino e passou a fazer parte do *Círculo Científico*.

sempre sido parte integrante dos povos aos quais tinham se mesclado” (SAND, 2011, 130 p.).

O ambiente era frutífero para os ideais do Nacionalismo, depois em que a Europa viveu o terror o Império Napoleônico – e Isaak Markus Jost entra em contato direto com toda essa ideologia vigente, principalmente quando o assunto é Nacionalismo Alemão. Não só ele, mas, os Intelectuais Judeus acompanham essa ideologia. Continuando, (...) para Jost Judeus se anexaram as culturas, e permaneceu com sua crença. E só tinha uma dúvida: “quanto à simbiose possível entre judeus e não judeus no seio da nação alemã em formação, dúvidas que só se acentuariam como movimento conservador que surgiu nos anos de 1830 e com o antijudaísmo que o acompanhou” (SAND, 2011, 132 p.). Depois década de 1830 a mentalidade de Isaak Markus Jost. Nunca mais foi a mesma, a sua perspectiva mudou realmente em uma nova direção. A sua obra: “História geral do Povo Israelita” é de 1932.

O tom se tornava ligeiramente político, se não racional, e a própria Bíblia passava a ser uma fonte mais legítima na narrativa do *povo israelita*. Jost, que se mostrou ao longo dos anos mais prudentes e cautelosos em suas opiniões políticas, começou igualmente, e em paralelo, a se afastar da crítica da Bíblia que o havia guiado em sua primeira obra. No livro, essa mudança teve uma influência no lugar dedicado aos hebreus e a seus sucessores judeus (...). Forçosamente, quanto mais um autor é afetado por um sentimento nacional, mais ele adere à concepção da Bíblia como documento histórico, pois as Escrituras Sagradas se ornaram assim a fonte de origem comum do povo (SAND, 2011, 133 p.).

Isaak Markus Jost reinventou-se a partir da segunda obra (*História geral do povo Israelita*) e teve contato com Heinrich Graetz⁸. Agora, a Bíblia Sagrada passa a ser o Norte para o rascunho da ideia de “Nação Judaica”, esse fenômeno ganha força a partir de 1850.

O Antigo Testamento como mito-história.

Isaak Markus Jost com sua primeira obra: *A História dos Israelenses*. Dotado naturalmente de visão moderna, pouco popular, não redigido em outras línguas. É a materialização de ideologias dos intelectuais judeo-alemães, independente da visão religiosa, que compõe as ideias de independência. Todavia, nunca foi uma ideia ou movimento *uno*.

Mas, a maioria deles não desejava situar suas raízes nas brumas de um passado antigo. Eles se consideravam alemães e, se ainda se mantinham fiéis à

⁸Teólogo; Escritor e Professor. Doutorou-se na Prússia Universidade de Jena. Foi um dos notáveis do segundo momento da “Ciência do Judaísmo”.

crença em Deus, não se definiam, contudo, como pertencentes à religião de Moisés e participavam do desenvolvimento do vigoroso “judaísmo reformado”. Para a maior parte do público erudito da Europa Central e Ocidental, herdeiros do Iluminismo, o judaísmo constituía uma comunidade religiosa, e não certamente um povo nômade ou uma nacionalidade estrangeira. Os rabinos e os religiosos, ou seja, os intelectuais “orgânicos” das comunidades judaicas, até aquele momento não haviam sentido a necessidade de fundar sua história para fortalecer uma identidade que, durante séculos, lhe havia parecido óbvia (SAND, 2011, 135 p.).

Á partir da metade do Oitocentos Heinrich Graetz surge a obra: *A História dos judeus dos tempos antigos ao presente*. Obra teve grande notoriedade, devida, a sua tradução para outras línguas, principalmente, para o francês, inglês e hebraico de maneira muito subta. Foi uma obra revolucionária do seu tempo, que se tornou um divisor de águas para a Historiografia Nacional Judaica que se construía no século XIX e a já mias maturado século XX. No entanto, não se pode mensurar o efeito *Heinrich Graetz e A História dos judeus dos tempos antigos ao presente* no Sionismo. Mas, em particular para Samuel Feiner a obra de Heinrich Graetz se construiu como a Bíblia dos *Hovevei Tzion*, isto é, Os Amantes de Sião – daí seria um dos principais embriões do Sionismo Novecentista. Essa obra deixou um lastro nas mentes dos Intelectuais Nacionalistas do Império Russo. Surge entre estes a ideia da *antiga pátria*. Mexendo com a imaginação de muita gente.

Fez frutificar a imaginação de escritores e de poetas que buscavam desesperadamente por novos lugares de memória que, sem serem tradicionais, continuariam, no entanto, a se inspirar na tradição. Da mesma forma, encorajou uma leitura laica, se não verdadeiramente ateia, da Bíblia. Mais tarde, o livro chegou a servir aos dirigentes dos colonos sionistas na Palestina como fio condutor nas profundezas do tempo. Hoje escolas em Israel levam o nome de Graetz, e não há ensaio de história geral a respeito dos judeus que deixe de citá-lo (SAND, 2011, 136 p.).

Segundo Shlomo Sand, o efeito *Heinrich Graetz e A História dos judeus dos tempos antigos ao presente* no Sionismo são indiscutíveis: “trata-se do primeiro ensaio no qual o autor investe seus esforços, com firmeza e sensibilidade, como objetivo de inventar o povo judeu – o termo *povo* aí, já correspondente, em parte, ao significado dado à nação moderna” (SAND, 2011, 136 p.). Heinrich Graetz nunca se declarou sionista ou não, contudo, é um paradigma para os escritores da Historiografia Nacional Judaica, mesmo com problemas em relação ao tempo, continuidade histórica e as ramificações. Mas, não deixou causar efeitos:

Desde então, para muitos, a judeidade deixara de ser uma civilização religiosa variada e rica, que conseguira perdurar à sombra dos gigantes, apesar de todas as dificuldades e das tentações, para se tornar a característica de um antigo povo-raça desenraizado de sua pátria, o país de Canaã, e que havia che-

gado às portas de Berlim. O mito popular cristão do exilado povo pecador, reproduzido pelo judaísmo rabínico ao longo dos primeiros séculos da era cristã, ganhou naquele momento uns escritos que se dispôs a traduzi-lo em uma narrativa pré-nacional judaica.

Para formar um novo paradigma do tempo, é preciso abolir o antigo, *corrompido e destruidor*; para começar a construir uma nação, é necessário deslegitimar aqueles cujas obras ainda não reconheceram os fundadores. Assim, Graetz acusa Jost, seu predecessor, de ter destruído a estrutura do povo dos judeus (SAND, 2011, 137 p.).

Essa é opinião de Heinrich Graetz a respeito de Isaak Markus Jost: “Ele fragmenta esse admirável drama com vários milhares de anos (...) ele cava um abismo artificial, e os mostra tão distintos uns dos outros que parecem não ter nenhum vínculo entre si” (JOST apud GRAETZ, 375 p.). Para Shlomo Sand, Heinrich Graetz supera na escrita os seus antecessores. É mais equilibrado que outros Historiadores: “não haviam enxergado no período antigo e real um capítulo histórico legítimo passado judeu e que, por essa falta de discernimento, haviam condenado dos judeus a se identificar com uma civilização unicamente religiosa e não com uma eterna tribo-povo” (SAND, 2011, 138 p.). O contexto da crítica de Graetz é depois da Unificação Alemã datada em 1870. Logo, após a vitória da Guerra Franco-prussiana vencida pelos Principados Alemães liderados por Otto Von Bismarck – o Segundo Reich. A concepção da ideia de *Nação* toma contornos nunca dantes visto alastrando-se pela Europa Central e Meridional. Assim, os retoques finais das ideias de Heinrich Graetz culminaram em: “despertar um sentimento nacional, ou seja, uma identidade coletiva moderna, são necessárias uma teologia e uma teleologia” (SAND, 2011, 139 p.). Houve uma simbiose entre a mitologia e a teleologia, que alcança até os intelectuais. “O mito constitutivo seguramente dado pelo universo textual bíblico, cuja, maior parte histórico-narrativa se tornou, na metade do XIX, um mito vivo, sobretudo aos olhos dos intelectuais judeus da Europa Central” (...) (SAND, 2011, 139 p.).

Segundo a Comunidade Judaica Antiga, durante muito tempo: “a Bíblia jamais havia sido considerada uma obra independente legível sem o auxílio de comentários da tradição oral. Particurlamente, no âmbito do judaísmo na Europa Central, ela havia se tornado um livro marginal unicamente compreensível por meio da *Halakhá*⁹ e, seguramente, por meio de seus comentadores autorizados” (SAND, 2011, 139 p.). Isso afeta o olhar dos Judeus sobre a Bíblia. O prisma dos Judeus através do tempo com respeito ao Antigo Testamento: “foi considerado um conjunto de textos sagrados de origem divina,

⁹ “Regras que orientam a vida religiosa” (SAND, 2011, 139 p.).

que não era verdadeiramente acessível no plano espiritual, assim como a Terra Santa não fazia praticamente parte, no universo religioso, de seu espaço de vida real sobre” (SAND, 2011, 140 p.).

Todavia, a Bíblia para os Judeus Letrados e doutros de erudição, e que tinham acesso a Educação Religiosa “nascia uma sede espiritual de outra fonte que consolidaria com mais segurança sua identidade abalada. Para aqueles judeus, a religião da história surgiu como um sucedâneo aceitável à religião da fé” (SAND, 2011, 140 p.). Primeiramente, vamos entender o que é *mito*¹⁰. Esses Judeus acabam absorvendo a Idéia de *Mitologia Nacional do Novecentos*, mas não se identificam, e reinventa para si uma Mitologia Nacional, que diferisse das demais e apegar-se a ela. E a origem dessa Mitologia era é a Bíblia Sagrada – mesmo, para os inimigos dos judeus.

Como não existia prova mais brilhante da existência dos judeus como povo ou como nação, e não como *simples* comunidade religiosa à sombra de outras religiões hegemônicas, que sua antiga presença estatal em um território deles, é a passo de caranguejo em direção ao Livro dos Livros que este se tornou o melhor instrumento de construção de uma realidade nacional (SAND, 2011, 140 p.).

A Europa do século XIX é um campo fértil para se escrever sobre Mitologias Nacionalistas. Assim: “os primeiros adeptos da ideia de uma nação judaica se voltaram para a luz resplandecente que irradiava do reino mitológico de Davi e cuja força foi preservada durante séculos no coração das muralhas da fé religiosa” (SAND, 2011, 141 p.). Ainda no século XIX as coisas mudaram um pouco, devido, o impacto que causou a obra de Charles Darwin: *A origem das espécies* –então, era meio contraditório ou inco- mum começar a escrever a origem humana por um viés teológico ou mitológico. Pois, Heinrich Graetz ele descreve a ideia de *A História Primitiva e Conquista de Canaã*.

Graetz cita muito rapidamente Abraão, o Hebreu, e limita sua referência a Moisés a uma ou duas páginas. A seus olhos, os povos nascem da terra mãe, do antigo território nacional, mais do que exílio, da errância ou do dom da Torá. O país de Canaã, sua morfologia física *extraordinária* e seu clima especial são os elementos determinantes do caráter excepcional da nação judaica que ali dava seus primeiros passos corajosos (SAND, 2011, 141 p.).

Segundo Shlomo Sand, Heinrich Graetz ele pontua coisas importantes como: o poder militar; a soberania do povo; atos heróicos e uma inocência dos Israelitas na fase da *Terna Infância da Nação Judaica*. Além, de descrever nos livros mais longínquos a Conquista de Canaã com uma verdade absoluta – é a uma postura conservada até o seu

¹⁰Segundo Nicola Abbagnano tem três visões: como forma atenuada de intelectualidade; como forma autônoma de pensamento ou de vicia; como instrumento de estudo social.

falecimento. Mas, ele concebe esclarecimentos humanos-cinetíficos à milagres, e não são tratados como cerne descritivo-histórico-bíblico, tomando assim, a forma de alegoria. Em caminho totalmente oposto, as Profecias ganham em importância descritiva, devido aos detalhes. No entanto, o antropocentrismo ganha mais importância diante do teocentrismo profético. Existe no prisma do autor uma devoção ao Velho Testamento. “Graetz compreendeu bem o significado conceitual da abolição do casamento misto e da expulsão das mulheres não judias e de seus filhos” (SAND, 2011, 143 p.). Para Heinrich Graetz isso seria o embrião do ódio anti-judaico.

No entanto, Heinrich Graetz abandona a linha inicial do Romantismo, e trilhão caminho mais etnorreligiosa. O contexto do Novecentos na Europa e na Alemanha fortalece o Nacionalismo-Democrático, mesmo com a derrota. Isso toca de uma maneira especial os um pequeno círculo de Intelectuais Judeus.

O principal desses intelectuais, por sal notável inteligência, era precisamente Moses Hess¹¹, homem de esquerda com ideias audaciosas e antigo amigo de Karl Marx, que publicou, em 1862, *Roma e Jerusalém*. Essa obra constitui um manifesto nacionalista característico, sem dúvida o primeiro do gênero pela laicidade de seu conteúdo. À medida que Hess teve uma importância decisiva na formação da concepção da história judaica de Graetz, convém rapidamente as relações examinar entre os dois pensadores (SAND, 2011, 144 p.).

Raça e nação.

Já no prefácio de sua obra: *Roma e Jerusalém*, Moses Hess se Heinrich Graetz. Chega ao seu conhecimento que a conclusão do Talmude não interferiu na visão histórica judaica que continua na linha: Nacionalista, e não é composta somente de uma História Religiosa-Confessionária. Isso reflete em um posicionamento de Moses Hess. Uma dessas posições foi sempre escolher os Franceses no livro em detrimento de outros grupos étnicos. Outro posicionamento de Moses Hess:

Hess se exilou na França, e o fracasso da revolução na Europa o levou, segundo seu próprio testemunho, a abandonar temporariamente a política para se dedicar às ciências naturais. No campo no qual as análises pseudocientíficas proliferavam, descobriu um conjunto de teorias racistas que passaram a se multiplicar no início dos anos de 1850 (SAND, 2011, 143 p.).

¹¹É considerado por muitos o Pai do Sionismo Socialista. Parte da sua educação vem de avô ortodoxo. Chegou começar a cursar Filosofia na Universidade de Colônia, na Alemanha – não concluiu. Foi co-autor de um Jornal Socialista de Colônia. Também foi correspondente e Paris, na Bélgica foi um ativista fervoroso do Comunismo nas Revoluções de 1848 se mudou para Suíça. Volta para Bélgica, e depois, vive em Paris até a sua morte.

Outro grande destaque a ser lembrado é Robert Knox, que em 1850 lança: *As raças dos homens*. Não demora muito para chegar aos EUA, nessa segunda metade do Novecentos surge muitas obras como: *Fisionomia comparativa ou semelhança entre homens e os animais* de James W. Redfielde (1853); *Simbolismo da forma humana* de Carl Gustav Crus (1853) e *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* de Joseph Arthur de Gobineau. Essa multiplicidade de livros de prisma mais científicos torna-se algo comum, impactaram até homens como Karl Marx e Ernest Renan¹². As coisas tomaram essa proporção, devido, o olhar prepotente do europeu. Alegando que o seu crescimento em tudo em que eles colocavam as mãos era fruto de sua “superioridade biológica e moral” (SAND, 2011, 146 p.).

É preciso acrescentar a esse fenômeno a maneira como as novas hipóteses sobre científicas sobre o desenvolvimento humano contribuíram para a formação das fantasias analógicas entre os âmbitos das ciências naturais, de um lado, e da história e do social do homem, do outro. Essa doutrina se transformou em quase evidência, e poucos foram aqueles que julgaram necessário colocá-la em dúvida ou discuti-la, pelo menos até os anos 1880(SAND, 2011, 146 p.).

Segundo Shlomo Sand, Moses Hess bebe dessa fonte literária, ou melhor, embebeda-se. Em meio ao contexto é considerado por muitos o primeiro Alemão Comunista – ponto central é a questão racial. Uma visão em que a luta de classe não é o primeiro plano, mas, sim a luta de raças. A História já seria uma materialização disso. Então, a origem das lutas entre judeus e não-judeus é um produto da diferenciação judaica: “A raça judaica é uma raça pura que reproduziu o conjunto de suas características, apesar das diferentes influências climáticas. O tipo de judeu permanece o mesmo” (SAND, 2011, 147 p.).

Para Moses Hess, o que mantém de pé, e de maneira tão fora do normal a Nação Israelita é a fé. Já Heinrich Graetz a ideia de Nação não tem origem na raça; na língua; no espaço geográfico. “O que poder a grupo humano o direito de constituir uma nação?” (SAND, 2011, 150 p.). É de múltiplas explicações.

A raça judaica, ela sim, conseguiu perdurar e sobreviver e está a ponto de avivar o fogo de sua juventude bíblica milagrosa. Sua ressurreição depois do exílio para a Babilônia e o retorno a Sião são o sinal de que possui um potencial latente de um novo renascimento. O povo é então um corpo orgânico dotado de propriedades extraordinárias que permitem sem renascimento, e por isso se distingue de um organismo biológico normal. A existência da raça ju-

¹²Ensaísta; escritor; filósofo; filólogo; Historiador. Tornou-se uma lenda para quem estudou o Nacionalismo no XIX influenciando nomes como: Paul Bourget; Charles Maurras; Maurice Barrés e Benito Mussolini para conceituação do Fascismo.

daica era excepcional desde o início, e consequentemente sua história também é milagrosa. É de fato um *povo-messias* que, chegando o dia salvará a humanidade inteira. Para Graetz, a teleologia da nação eleita permanece mais moral que política e carrega em si os retos empoeirados da fé tradicional em decomposição (SAND, 2011, 150 p.).

Segundo Heinrich Graetz, segue os padrões de sua época. A história de seu povo é incomum e inigualável. Isso é notável em suas obras a partir de 1860. Passa a traçar o aspecto judaico genealógico debaixo de uma jurisdição bíblica. Esse tipo de maneira de escrever, parte ainda é fruto do impacto das Revoluções de 1848. E desperta a ira de um Historiador chamado de: Heinrich Von Treinschke¹³.

Um debate de historiadores.

A preocupação de Heinrich Von Treinschke se situava com relação à crescente imigração que vinham do lado Leste da Europa para Alemanha. Isso era uma ameaça a Nação Alemã. “Esses imigrantes em nada se pareciam, segundo ele, com os judeus de origem sefardita” (SAND, 2011, 151 p.). Havia uma convivência pacífica judeu-alemã na Europa. Em outro ponto, os judeu-poloneses foram oprimidos por cristãos. Tornaram-se autênticos estrangeiros, não era tão simples assim uma *simbiose* judeu-alemã. Pois, havia Intelectuais importantes como: “o insolente Heinrich Graetz” (SAND, 2011, 152 p.), que eram Conservadores e ideólogos do Separatismo, que se ergueu como uma barreira de dificuldades.

Segundo Shlomo Sand, Heinrich Graetz é um homem Conservador Nacionalista, e Heinrich Von Treinschke combate-o com uma vasta historiografia. Para Heinrich Von Treinschke, o Ocidente pode até tolerar os Judeus, mas nunca isso ocorrerá em sua totalidade. A posição de Heinrich Von Treinschke permanece bem dura.

Tanto mais que Treinschke havia identificado em Graetz uma tendência em definir o judaísmo como uma nação no próprio seio de nação alma, atitude à qual todo alemão *autêntico* deveria se opor totalmente. Ele continuou acusando Graetz de orgulho nacionalista judeu e, durante muito tempo, colocou em dúvida o fato de este se considerar alemão (SAND, 2011, 153 p.).

No século XIX já havia antissemita como: Wihelm Marr¹⁴; Adolf Stoecker¹⁵. Heinrich Von Treinschke é um Nacionalista de Centro-Direita; é um Nacionalismo Et-

¹³Nacionalista; Historiador; Escritor político; Editor; Ensaísta; Teórico racial, Professor e membro do Reichstag no tempo do Império Alemão.

¹⁴Nasceu em Magdeburg, em 16-11-1819 e faleceu em: 17-07-1904 – Hamburgo. Foi um ativista; agitador; jornalista. Por muitos Historiadores é considerado o Pai do Termo *antisemitismo* e o eufemismo: *Judenhass*, isto é, *ódio aos Judeus*.

noessencialista. Não é antissemita, mas não vê como nações tão díspares: o judaísmo antigo e a juventude alemã – simplesmente, ocorresse uma simbiose. “Para ele, um judeu permanecia judeu mesmo que a sua cultura e sua língua fossem inteiramente alemãs” (SAND, 2011, 154 p.). Nisto ele assemelhava-se com Heinrich Graetz. Mesmo, Heinrich Graetz ainda não tendo conceituado de maneira clara o seu Nacionalismo, que acabou se situando no campo mais filosófico-abstrato. Algumas posições claras no tocante a: emigração. Outro ponto é de nunca ter se declarado sionista levando muitos questionamentos. Todavia, deixou uma imensa contribuição histórica. “Graetz, por necessidade de causa, e sem dúvida à luz das vivas reações da maior parte dos intelectuais judeo-alemães, se considerou novamente, por um tempo, totalmente alemão, que exigia em tudo e por tudo a igualdade dos direitos” (SAND, 2011, 154 p.).

E toda essa divergência Graetz-Treinschke é uma para a construção de um edifício chamado: “Consciência Nacional Alemã” (SAND, 2011, 155 p.). Houve uma institucionalização. Assim, o Etnocentrismo Graetz-Treinschke tem caminhos parecidos.

Pode-se então afirmar que os dois historiadores estavam impregnados de uma concepção *voltiske* da nação, e que daí decorria sua dívida quanto à possibilidade de uma simbiose entre os alemães de origem judaica e os alemães de origem cristã. Nenhum dos dois pensava que seria verdadeiramente útil tentar fortalecer relações recíprocas desse tipo. Em seu imaginário nacional, nunca houve cerimônia de casamento entre judeus e alemães, e nenhum ato de divórcio foi então pronunciado entre eles (SAND, 2011, 155 p.).

Esse prisma não era uma unanimidade dentre o próprio círculo de Intelectuais Judeo-Alemão. Não é ser antissemita, e sim ter outras posições como; Liberais; socio-democratas e republicanos - vindo à tona uma diversidade. Nesse momento a Inteligência Judaica se distância de ambos: Heinrich Graetz e Heinrich Von Treinschke. Ainda que por motivos diferentes. O Filósofo Moritz Lazarus¹⁶ e Hermann Cohen¹⁷ são opositores de Heinrich Graetz.

Todos concordavam com o fato de não poderem existir duas nações no âmbito de um só Estado, mas as mesmo tempo insistiam na necessidade de uma diversidade no seio do nacionalismo unificador. O próprio germanismo era o resultado histórico da fusão de elementos culturais diferentes e, graças à grande flexibilidade, era capaz, afirmavam eles, de continuar a absorvê-los.

¹⁵Escritor; Capelão; Conservador; Reformista fundador do Partido Social Cristão Alemão; Pregador da Corte Imperial de Berlim. Fundou Associações Político-Sociais: *Luterano Congresso Social e a Liga da Alemanha os luteranos Única dos Trabalhadores*.

¹⁶Alemão; Filósofo; Psicólogo; Arauto contra Antissemitismo; é o Pai da Psicologia Nacional, ou seja, *Völkerpsychologie*.

¹⁷Antigo aluno de Heinrich Graetz; Pai do Neokantismo; Escreveu sobre ética e Religião. Sua obra influenciou o Pensamento Filosófico Religioso Judaico do XIX-XX. O efeito *Cohen* atingiu: O Pensamento Imperial do XIX e Filosofia da Religião.

Os judeus, como o resto dos súditos do império, protestantes católicos, eram alemães antes de serem judeus. Parte dos intelectuais de origem judaica aceitava, certamente, a ideia de origem racial diferente, mas para todos, ou quase todos, o projeto de futuro nacional e cultural era determinante, e esse projeto era alemão (SAND, 2011, 155-56 p.).

Esse embate de Historiadores acontece em meio a um antissemitismo não agudo e de crise econômica alemã, que era toca em várias estruturas sociais da sociedade. A industrialização continuou o seu caminho, mesmo que titubeante. A Unificação dos Principados Alemães ocorreu dentre esses problemas não diminui o feito e o papel do Segundo Reich. Mas, o tinha que ter um motivo para as perdas e problemas de uma sociedade – as minorias religiosas e raciais.

O progresso da democracia de massa acelerou igualmente a escalada do antissemitismo político, instrumento eficaz do recrutamento das multidões na época moderna. Nas ruas, nos jornais e nos corredores do poder imperial, uma propaganda destruidora foi levada contra os *orientais* vindos do leste que *afirmavam ser alemães*. Apelos explícitos para a abolição de emancipação se fizeram ouvir em praça pública. Foi nessa atmosfera sufocante que surgiu em 1880 uma petição assinada por 75 intelectuais e personalidades dos círculos liberais não judeus, tentando frear essa nova onda de antissemitismo. Theodor Mommsen encontrava-se entre os mais marcantes e prestigiosos signatários (SAND, 2011, 155 p.).

Theodor Mommsen¹⁸, não só foi um dos que assinam a petição, mas entregou-se a *questão judaica*. As coisas caminhavam para um contorno, que ia além dos judeus. E tocava na formação da personalidade de uma nação – no caso a alemã. Pouco tempo depois, Theodor Mommsen escreve seu livro chamado: *Outra palavra sobre nosso judaísmo*, que é a materialização da oposição contra Heinrich Von Treinschke. Para Shlomo Sand, Theodor Mommsen foi um grande nacionalista; historiador e pró-unificação alemã. No entanto, sua discordância era na entrada do fermento da etnicidade no bolo do Nacionalismo. Sua visão modernidade alma é a extinção de toda etnia não alemã. Quando jovem era Republicano Revolucionário, e para vida permanece o Nacionalismo Cívico. Era quase um padrão dos Historiadores do Novecentos traçarem o Nacionalismo vindo desde a Idade Antiga. “No entanto, enquanto para Treinschke a fonte histórica da nação alemã devia ser procurada nos reinos teutônicos, e para Graetz a da nação judaica nos reinos de Davi e Salomão, o modelo histórico de referências de Mommsen eram a

¹⁸Christian Matthias Theodor Mommsen. Historiador Alemão; por muitos é visto como maior ícone em História da Antiguidade Latina – não superado até hoje. Sua obra é pesquisada por Historiadores da Idade Antiga até hoje. Sendo contemplado com o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1902 pela obra: História de Roma. Um dos seus maiores feitos é a sua contribuição para a aproximação do Direito com a História.

Roma de Júlio César e sua concepção flexível e aberta da vida civil” (SAND, 2011, 158 p.).

Segundo Shlomo Sand, o Nacionalismo de Theodor Mommsen buscava, principalmente, na Antiguidade um traçado histórico quase que perfeito; era contra o racismo do século XIX; não via os Judeus como descendência dos hebreus; e não enxergava os judeus do Império Romano como Pais dos Judeus da Judéia. A linha seguida por Theodor Mommsen contrapõe-se a visão de Heinrich Graetz e Heinrich Von Treinschke.

Aos olhos de Mommsen, os judeus não eram um povo-raça estrangeiro, mas uma tribo ou comunidade que constituíam uma parte inteira da nova Alemanha (...). A nação moderna era o resultado da mistura de elementos culturais variados provenientes de diferentes de diferentes origens. No entanto, os judeus deveriam se esforçar para se integrar seu ambiente e renunciar, na medida de suas possibilidades, a uma parte não desprezível sua especificidade distintiva. Mas, eles deviam fazê-lo exatamente na mesma medida que todas as outras comunidades da Alemanha, provavelmente renunciando também às base da cultura local moderna (SAND, 2011, 158-59 p.).

Theodor Mommsen via os Judeus como uma etnia *desagregadora* das raízes do germanismo atual. Todavia, os judeus não deixaram de contribuir na disseminação da língua nacional. Essa ideia de Theodor Mommsen vai chegar ao ano de 1933. “Joseph Goebbels¹⁹, homem político instruído elogiou o *elemento desagregador* do grande Mommsen como exemplo de posição antijudaica marcante, lembrando-se do seu ponto de vista, a concepção do judeu em Richard Wagner” (SAND, 2011, 160 p.). A vasta obra de Heinrich Graetz é *Anti-Jost-Mommsen*. “Essa concepção do passado lhe parecia antijudaica porque se recusava obstinadamente a reconhecer a continuidade e o caráter eterno da tribo-raça judaica, à imagem, em grande medida, do *Volk* alemão” (SAND, 2011, 160 p.).

Um olhar protonacional da perspectiva do Oriente.

Para o autor, Heinrich Graetz chega a um ponto determinado da vida e começa a se dedicar ao estudo da Bíblia - que redimensiona a vida dos Judeus. A Bíblia passa a ser centro, a base principal do Renascimento Nacional Judaico. “A princípio ele aceitou a crítica filosófica e se permitiu levantar várias hipóteses sobre a data da redação de alguns de seus livros santos” (SAND, 2011, 161 p.). Heinrich Graetz, no entanto, era uma ativista; defensor; propagandista da Bíblia como o maior livro de todos os tempos.

¹⁹ Ministro de Propaganda do Reich; escritor romancista; literato; antissemita fervoroso; jornalista; anti-capitalista e Filósofo.

Seu setor principal da Bíblia era o *Pentateuco*. Segundo Heinrich Graetz, foi escrito em tempos símiles. “A hipótese de Espinosa, por exemplo, segundo a qual a Bíblia ou parte de seus componentes teriam sido escritas por Esdras era para Graetz de uma estupidez total” (SAND, 2011, 161 p.). A *Perspectiva Graetziana* sobre o Pentateuco:

Para ele, o Pentateuco havia sido redigido pouco depois dos acontecimentos que descrevia, e todos os episódios históricos que relatavam eram verídicos. Graetz via uma prova notável da validade de sua tese no fato de os textos dos profetas tardios reproduzirem exatamente os relatos da Torá *escritos* séculos antes. A ideia de que esses livros pudessem ter sido redigidos justamente naquela época mais tardia não lhe havia chegado à mente (SAND, 2011, 161 p.).

No final do século XIX um notável erudito bíblico chamado Julius Wellhausen²⁰ escreve e publica a obra: *Prolegômenos à história de Israel*. Esta obra se ergueu como um ponto de partida a ser visto no seu tempo. Julius Wellhausen era filólogo, ele a começou a estudar a relação dos pontos centrais do Antigo Testamento bíblicos com o tempo de sua escrita. Um erudito como poucos quando o assunto é Antigo Testamento. Trazendo-o para os olhos da Sociedade e da História.

Segundo ele, a criação religião judaica resultava de um processo progressivo, e cada camada do Pentateuco correspondia a períodos de escrita deferentes. Graetz enterrou com toda a força as garras de sua crítica naquela obra antijudaica (...). Ele se irritou com toda a particularmente com a ideia expressa por Wellhausen de que a parte determinante do Antigo Testamento (...) teria sido escrita apenas no período mais recente do retorno a Sião. Isso significava que a reconstrução da antiga história dos judeus não era o fato cultural de um povo esplêndido e poderoso, mas o de uma seita restrita e, segundo sua expressão, *anêmica* em seu retorno à Babilônia. Assim, abria-se a primeira brecha permitindo questionar a confiabilidade dos relatos heroicos do início da não judaica (SAND, 2011, 162 p.).

Para Heinrich Graetz, Julius Wellhausen passa ser “um pesquisador iletrado e ignorante” (SAND, 2011, 162 p.). E a sua inspiração para escrever é uma espécie de antisemitismo. Heinrich Graetz posiciona-se da mesma forma quando o referendado é Ernest Renan. Conclui-se que, Heinrich Graetz no seu prisma não consegue ter a noção dos desdobramentos da História Judaísmo.

Ainda no século XIX faleceu Heinrich Graetz, Mas, surge mais um Intelectual que estuda, traduz e pesquisa a sua obra. Esse é Simon Doubnov.²¹ Escreve a obra: His-

²⁰Estudioso Bíblico; Orientalista; Pesquisador do Pentateuco; Teólogo; Professor *Extraordinarius* de Línguas Orientais; Filólogo.

²¹Judeu; Historiador; Escritor; Ativista; Formado na Escola Tradicional Judaica; Autodidata; Filósofo; Linguísta. Na Rússia em 1906 fundou a: Sociedade Judaica de Literatura; e a Sociedade Histórico-etnográfica; editou a Enciclopédia Judaica. Foi Judeu Autonomista; Professor da Faculdade de Petrogrado.

tória Popular dos Judeus. E causou grandes impactos. “o volume surgiu, mas foi proibido pela Igreja ortodoxa considerou a adaptação nacional da Bíblia de Graetz um ataque mortal a *história santa*” (SAND, 2011, 163 p.). Por muitos é considerado o *herdeiro de Graetz*. Na Rússia a uma população judaica rica, que estava em boa situação social. Testemunharam um tempo de modernização, é quase uma exceção. Pois, em outros lugares da Europa as populações judaicas não viram o mesmo. “Após a ascensão do nacionalismo nas populações russas, ucranianas e polonesas, que se acrescentou à segregação antijudaica tradicional no reino do czar, a crescente comunidade ídiche se degradou, e uma parte de seus membros precisou emigrar para o oeste” (SAND, 2011, 163-64 p.).

Todo esse movimento faz brotar em ter os que não emigram brotam um sentimento nacional. Vêm à tona partidários autonomistas; pré-nacionalista e nacionalista. Sendo que Simon Doubnov é autonomista, mas, é contra a construção de um Estado Nacional. Passa a vida a construir uma História Judaica Contínua, não era sionista.

No entanto, Doubnov se afastava da maioria dos partidários da autonomia, que não se viam como pertencente a uma raça estrangeira na Europa e delimitavam as fronteiras de sua identidade seguindo as normas e as práticas de uma cultura ídiche, então cheia de vida. Uma sensibilidade pré-nacional fazia supor que era preciso voltar para o passado a fim de extrair a lembrança que fortaleceria a estabilidade de uma identidade coletiva que, segundo ele, havia se tornada problemática e frágil (SAND, 2011, 164 p.).

O Nacionalismo de Doubnov tinha características de três teóricos: Renan; Fichte e Herder. “De Renan, ele preservou os aspectos subjetivos de sua definição de nação (...) e tomou Herder e Fichte seu romantismo étnico-espiritual transbordante” (SAND, 2011, 165 p.). Um breve resumo do Nacionalismo de Doubnov:

Aos seus olhos, a raça constituía apenas uma primeira etapa no devir da nação, levada mais tarde a se desenvolver lentamente para se transformar em uma unidade histórico-cultural. Nem a raça, nem a língua, nem o território são os fatores determinantes da representação da nação na história. As nações se caracterizaram pelo fato de serem portadoras de uma extensa cultura espiritual, reproduzida e transmitida geração a geração (SAND, 2011, 165 p.).

Segundo Shlomo Sand, Simon Doubnov ele trilha a ideia de Nação Moderna com base em um Romantismo-Espiritual: não fronteiro; atemporal. Nunca entendeu

em sua profundidade o papel do que chamamos de Estado Moderno na construção identitária de uma Nação. Para Simon Dubnov “o estado-nação não representa um objetivo específico imediato na realização de uma identidade judaica laica e estável. O Estado possui existência própria, fora da política concreta” (SAND, 2011, 166 p.). Essa visão atinge até o historiador que ganha uma nova função. “Pode se dizer que, para Dubnov, na ausência de uma soberania política, o historiador é, em grande medida, o suposto substituto do rabino com agente *autorizado* encarregado da preservação da memória e da identidade”(SAND, 2011, 166 p.).

No prisma de Shlomo Sand, Simon Dubnov não é tão categórico. Já Heinrich Graetz, é romântico, mas, se equilibrava com sua veia científica. Pois, o tempo é do falecimento do século XIX e o nascimento de XX. E a referência científica ainda é a *Positivista*. Simon Dubnov tem o perfil de escrita do escritor não romântico, ou seja, inicia a “historiografia profissional” (SAND, 2011, 166 p.). Nota-se a diferença:

Graetz não tinha um vínculo verdadeiro com a tradição de uma dada escrita histórica que havia se desenvolvido na Europa desde Leopold Von Ranke, mas da qual se encontram sinais em Dubnov. Contrariamente a Graetz, que isola completamente a história dos judeus de seu ambiente, Dubnov tenta precisamente vinculá-la à história das populações entre os quais eles vivem. Distinguem-se em seus livros um uso eficaz dos instrumentos metodológicos desenvolvidos ao longo do século XIX nos diversos domínios da historiografia; referências bibliográficas e cruzamento de fontes se tornam partes integrantes do processo de criação do relato histórico (SAND, 2011, 167 p.).

Essa postura de Simon Dubnov reflete na sua maneira escrever seja bem diferente. Um marco é a sua obra: *História do povo-mundo (1920)*. Onde ele utiliza os últimos achados do seu tempo:

com um sobrevoo geral do Oriente Médio a partir das últimas descobertas arqueológicas de sua época, antes de passar ao relato da história dos antigos hebreus. As cartas de Amarna, os papiros de elefantina, o código de Hamurabi e a estela do rei moabita Mesha estão presentes na reconstituição da história para convencer de que nos encontramos diante de um trabalho de pesquisa científica, ou melhor, segundo Dubnov, *sociológica* (SAND, 2011, 167-68 p.).

Simon Dubnov via os judeus como um *organismo social vivo*, composto pelas Comunidades Judaicas. Era sobre esse estribo que foi construída a *origem histórica úni-*

ca (SAND, 2011, 168 p.). Portanto, os Judeus compõem o povo-mundo, diferentemente de Isaak Markus Jost. Esse ângulo de visão de nacionalismo de Simon Doubnov amadurece com o tempo. Mas, isso é uma maracá em suas obras.

Como racionalista laico, ele não podia evidentemente aceitar o livro do gênesis como testemunho histórico na sua totalidade e ao pé da letra, e sabia muito bem que Le havia sido escrito muito tempo depois dos acontecimentos relatados. Propunha então extrair do texto o conteúdo que parecia mais próximo da realidade e considerar os relatos antigos metáforas reveladoras da verdade que ocorrera de maneira simbólica (SAND, 2011, 168 p.).

Para Shlomo Sand, Simon Doubnov segue a maneira de escrever dos historiadores sionistas, ou seja, ele constrói uma história bíblica irrefutável para qualquer mortal. “A memória do povo foi assim e conservada e novamente trabalhada, testemunha de um longo encadeamento histórico natural” (SAND, 2011, 169 p.). Mostra como os Intelectuais moldam a maneira de pensar de um povo. “O procedimento filológico-científico de Julius Wellhausen e dos outros críticos bíblicos é, então, bem justificado” (SAND, 2011, 169 p.). Os Historiadores Doubnov e Graetz se assemelham quanto à busca pela ideia de nação – indo até o tempo mais arcaico possível. E o faz estender-se até o século XX.

A semelhança entre os mitos antigos e as leis babilônicas por um lado e os princípios da Torá de outro provam a precedência cronológica do surgimento dos *filhos de Israel*. Da mesma forma, a saída do Egito aconteceu certamente no século XIV ou XV a.C., pois derrota de Israel lembrada na estela de Mérenptah (descoberta em 1896) prova que Israel já existia em Canã no final o século XIII a.C. (SAND, 2011, 170 p.)

Segundo Shlomo Sand, se escora no achado arqueológico. “Era apenas preciso saber lê-las de maneira a validar cientificamente os relatos dos primórdios do povo judeus” (SAND, 2011, 171 p.). E, sem sombras de dúvidas todo esse experimento científico historiográfico inovador colabora para o nascimento do Estado de Israel em 15 de Maio de 1948.

Doubnov iniciava assim uma longa tradição judaica nacional, que procuraria mais tarde, por meio de pá e picareta, confortar os relatos bíblicos e com isso, certamente, o direito de propriedade do *povo de Israel* sobre a *terra de Israel*. Naquela época, nem a arqueologia nem a historiografia eram sionistas, mas os pesquisadores de origem cristã tomavam o cuidado de não contradizer o

Antigo Testamento, sem o qual, sabe-se o novo testamento não teria apoio (SAND, 2011, 171 p.).

Simon Doubnov ele mesmo sendo leal aos textos bíblicos. O seu foco não é mais ação metafísica divina no mundo físico, mas, não deixa de ser uma história narrativa com detalhes temporais e uma visão sociológica moderna. “Doubnov prefere designar o reino de Israel sob o nome de Efraim. De fato, o conjunto do povo que saiu do Egito é chamado de Israel nos relatos bíblicos (...)” (SAND, 2011, 171 p.). Dentro do Historiador havia coisas sobre assuntos difíceis que precisavam ser tratadas: a continuidade nacional de Israel; a expulsão bíblica feminina não-judia; o casamento misto.

Observemos que a justificativa do *isolamento reprodutivo* de Doubnov, contrariamente ao que se nota em Esdras e Neemias, não é religiosa, mas laica e moderna. A antiga angústia de *volkiste* de Treinschke e Graetz penetrou sem muita dificuldade nos primórdios da jovem historiografia judaica do Leste Europeu. A identidade etnocêntrica clara, fundamento do discurso histórico de Doubnov, se assemelhava à dos outros pré-nacionalistas e nacionalistas europeus da época (...), mas, tinha uma vantagem decisiva sobre eles: podia procurar no século VI a.C. os critérios da fixação das fronteiras de seu organismo nacional vivo. Assim como na primeira obra historiográfica de Graetz, ele fundava em fontes bíblicas sua reação inversa e complementar ao antisemitismo, que rejeitava o judeu: um separatismo nacional judeu laico e moderno (SAND, 2011, 174 p.).

Uma etapa etnicista da perspectiva do Ocidente.

O último a tentar escrever a história total dos judeus foi Salo Wittmayer Baron²² com a obra: *Livros da História de Israel*. O ensaio Ze'ev Yavetz é alinhado com a Bíblia. O seu escritor era “rabinos sionistas cumpridores dos preceitos da lei judaica, que transformaram a Bíblia de livro sagrado em obra nacional, ao mesmo tempo em que denunciava sua leitura reformista” (SAND, 2011, 175 p.).

Segundo Shlomo Sand, Salo Wittmayer Baron não era sionista, mas tinha consigo a ideia de *soberania moderna*. Heinrich Graetz o seu prisma é de dentro da Alema-

²² É considerado por muitos como o maior historiador do século XX. É natural da Galícia, atual Polónia, é de ascendência judaica. Foi professor na Universidade Columbia entre: 1930-63 e ali se aposentou. Filho de um banqueiro judeu, ainda no final de década de 1920 havia sido titulado Doutor em três áreas diferentes pela universidade de Viena: Teologia; Ciência Política e Direito. Dirigiu o Centro de Israel e Estudos Judaicos na universidade Columbia de 1950-63. Na década de 1960 recebe vários títulos *honori* em Artes e Ciência nos EUA e Europa. Faleceu aos 94 anos, e muitas cadeiras foram criadas em sua homenagem como: história judaica, Cultura e Sociedade.

na Imperial em tempos de Unificação Bismarkiana, o Simon Doubnov o seu prisma é dentro do já decadente do Império Russo dos Pés de Barro. O prisma de Salo Wittmayer Baron vê dentro de Nova York. Isso se reflete na sua maneira de escrever: não tão linear, e não tão livre. “Não se encontra em Baron a síndrome da negação do *exílio* gravada no coração da historiografia sionista, e daí decorre o caráter diferente da condução de sua pesquisa” (SAND, 2011, 176 p.). O escritor é incomum ao seu tempo, e altamente criativo. “Segundo Baron, podia-se agora ignorar as pesquisas filológicas de Wellhausen e de seus sucessores, como alguns pesquisadores norte-americanos haviam começado a fazer nesse sentido, e se fundamentar antes nas inúmeras novas descobertas arqueológicas, pois, desde Doubnov, a historiografia havia se tornado uma ciência” (SAND, 2011, 177 p.).

Com todas essas coisas acontecendo ao mesmo tempo, “era possível contar a história dos judeus quase como na Bíblia, eliminando milagre e prodígios (...) e a pesada e inútil prédica religiosa” (SAND, 2011, 177-78 p.). Agora, a História Judaica resumiu-a se em: “um povo que nasceu nômade em uma época muito distante e continuou a existir, de maneira milagrosa e misteriosa, ao longo da história” (SAND, 2011, 178 p.). Salo Wittmayer Baron não se focava em partir de um ponto para construir uma História dos Judeus. “Para ele, o judaísmo não havia nascido da natureza, mas constituía pelo contrário uma revolta da história contra ela” (SAND, 2011, 179 p.). Isso resulta em contra pontos:

Segundo Baron, *eticidade* era uma ideia particular da nação, cuja importância não era menor que a de uma nação política, a qual existia de fato pouco tempo na história do *povo judeu*. Ela lhe era superior sob vários aspectos, e nela residia o segredo da força duradoura na história. Esse nacionalismo *ético* unificador e único possuía igualmente uma data de nascimento: a saída do Egito (SAND, 2011, 179 p.).

Segundo Julius Wellhausen e seus discípulos, não havia condições da origem judaica ser de um povo “nômades vivendo no seio de uma civilização arcaica (...). A imagem dos descendentes de Abrão parecidos com os beduínos de hoje era, segundo ele, romântica e falsa” (SAND, 2011, 179 p.).

A visão de Salo Wittmayer Baron é apolítica, mas, seu modo de escrever é de uma história sócio-religiosa judaica. E não se pode negar a falta de documentos de época para fundamentar sua pesquisa. Mesmo, com suas discordâncias ele seguiu a Escola Wellhausen e Doubnov, que Sam dois termos: *Jeová* e *Elohim*.

A origem do *jeovista* era, segundo ele, o reino de Judá, enquanto o *eloísta* vizinha de Israel. Contudo, nenhum dos dois, espantava-se Baron, aceitava a divisão em dois reinos, e tanto para um como para outro Israel e Judá formavam uma identidade inseparável, uma unidade fundamental em toda a história dos judeus. Seu desprezo pela soberania estatal e sua preferência por um povo unido eram totalmente atípicos em relação aos outros reinos dessa época e predizem o futuro. A possibilidade de essa unidade teológico-literária ter sido construída por um ou vários autores mais tardio não havia visivelmente passado pela mente do respeitável historiador universitário (SAND, 2011, 180-81 p.).

Na obra *Uma história Social e religiosa dos judeus* de Salo Wittmayer Baron tem algumas questões como o: etnocentrismo, a espiritualidade e origem judaica, o conceito de judaísmo e o universalismo humanista. Tudo isso temperado com sobriedade e equilíbrio. A etnicidade judaica é um estilo de vida, e não está encarcerado por um dogma religioso. Ele contribuiu para o redimensionamento ideológico do termo *etnia* em relação aos judeus.

Em Baron, como em Doubnov, os estudos históricos podem constituir uma parte da missão sagrada de preservação da identidade judaica e são capazes de substituir os estudos religiosos que, até então, haviam desempenhado esse papel vital.

O desinteresse de Baron por uma soberania política e pelo retorno a uma *antiga pátria*, ou seja, a ausência de uma teologia nacional suficientemente clara em sua obra, provocou o mal-estar e mesmo a crítica de outro historiador (SAND, 2011, 182 p.).

O início da historiografia em Sião.

A obra de Salo Wittmayer Baron é do ano de 1930. E pouco tempo depois, em 1935 para ser mais preciso surge um crítico de sua obra chamado Yitzhak Baer.²³ A linha Baroniana (de Baron) é Conservadora. Todavia, não perdeu sua riqueza em detalhes. “Não se encontra em seus textos descrição nostálgica da vida natural na pátria nem a aspiração à soberania independente que acompanharam e caracterizaram os judeus em todas as suas atribuições ao longo da história” (SAND, 2011, 184 p.). Na década de 1930 ele publicou o livro chamado: *Exílio*. É um trabalho historiográfico, que se torna um divisor de águas, devido a sua confissão de fé.

É preciso lembrar que esse texto não foi escrito por dirigente político, nem por um militante sionista instruído ou por um poeta romântico impetuoso, mas pelo primeiro pesquisador especializado em história judaica em Jerusalém, que teria a seu encargo a educação e formação de inúmeros estudantes. O fato de seu ensaio ter sido publicado na Alemanha nazista também é fun-

²³ Era Alemão-Israelense (1888-980). Foi Especialista em: História Medieval Espanhola; História Judaica – segundo Shlomo Sand, “Baron era detentor da primeira cátedra de história judaica nos Estados Unidos” (SAND, 2011, 183). Foi Filólogo e Filósofo. E ganhou prêmios como: Bialik em 1948; Israel em 1958; e Yakir Yerushalayim em 1968.

damental para a análise do caráter e dos componentes da identidade nacional particular que aí se expressa com animosidade (SAND, 2011, 186 p.).

Yitzhak Baer tomou um caminho contrário de suas referências: Heinrich Graetz e Heinrich Treischke. Não era antissemita. Ele toma posições: “o historiador sionista cassado em sua pátria germânica reagiu com a cristalização de uma dolorosa consciência” (SAND, 2011, 186 p.). Mas, essa foi fonte ideológica que se embebedou de seus Mestres. “Em Baer, o mito bíblico que informava sobre origem alimenta igualmente um objetivo nacional distinto, até então embaraçado e tímido: ruptura com o *exílio* estrangeiro, e o retorno à matriz da terra calorosa que deu origem ao povo eleito, com a Bíblia constituindo a prova última da identidade de seus membros” (SAND, 2011, 186 p.).

A obra *Exílio* redesenhou a historiografia de Israel. A Universidade hebraica se organizou de forma diferente das européias, apesar de tê-las como padrão. Criou duas substituições:

departamento de historiado povo de Israel e de sociologia dos judeus e departamento de história. Essa separação se tornou, desde então, a regra de ouro em todas as universidades israelenses, em que a história do passado judeu é estudada separadamente da história dos gentios, seus princípios, seus instrumentos considerados completamente diferentes (SAND, 2011, 186-87 p.).

No início Yitzhak Baer não foi um simpatizante da ideia, mas, não demorou muito para abraçá-la completamente. E contribuiu para a criação de um cargo em história judaica. Ainda que, sendo um historiador conservador, a sua área de especialização é o Período Medieval. Agora, o Mundo Acadêmico Internacional do século XX, o faz tomar um novo rumo. “Baer, cuja pesquisa empírica era detalhada e prudente (era um aluno típico da universidade alemã que dedicava o melhor de seu tempo à leitura dos arquivos), sempre afirmou que a sua profissão o obrigava a permanecer fiel aos fatos” (SAND, 2011, 188 p.). Às vezes o historiador acaba contradizendo-se: “Baer flutuou constantemente entre o mitológico e o científico e, embora o mito tenha prevalecido, ele foi às vezes perturbado por alguns fatos danosos” (SAND, 2011, 188 p.). Após a data de 15 de Maio de 1948 a relação entre a Bíblia, a história toma um novo rumo. “Naturalmente, nos anos 1950, quando a cultura israelense do passado fez da Bíblia *nacionalizada* seu lugar comum, imaginando que ela revivia por meio por meio de sua *ressurreição*, Baer, primeiro historiador palestino-sionista se juntou ao entusiasmo geral e lhe trouxe uma justificativa científica valiosa” (SAND, 2011, 188-89 p.).

Ben-Zin Dinur era amigo particular de Yitzhak Baer. Dinur era pró-Nacionalista. Cada Historiador que passou deixou uma marca e um marco para quem os sucedem.

Se Graetz foi o primeiro a colocar os pilares e os andaimes na construção re-ativa da nação judaica, pode se dizer que foi Dinur quem assentou os tijolos nessas fundações, completou a colocação do teto e até fixou definitivamente as janelas e as portas. Ele o fez por um duplo processo: como professor de história judaica na universidade, desempenhou, com Baer, um papel central na elaboração do campo de relações de força no âmbito da pesquisa; como militante de esquerda sionista, deputado na Knesset e ministro da Educação em 1951, foi o principal arquiteto da infraestrutura do ensino da história no sistema educacional israelense (SAND, 2011, 190 p.).

Segundo Shlomo Sand, Ben-Zin Dinur é Ucraniano, educado em um colégio local chamado de *Yeshiva*, de Vilnius, e dá continuidade a sua formação na Alemanha. Na década de 1930 lecionou em Jerusalém. Um pouco antes de imigrar para a Palestina, sua obra *História de Israel* é publicada. A base do livro é “a coleta e a reunião de fontes e documentos que permitem esboçar uma narrativa histórica contínua e *orgânica* da história dos judeus (...). esses inúmeros documentos e fontes foram apresentados e classificados segundo uma ordem cronológica e temática” (SAND, 2011, 190 p.). Essa obra é uma síntese do livro-prólogo de Heinrich Graetz. Pois, uma obra anárquico-intelectual do seu tempo. Ben-Zin Dinur e Salo Wittmayer Baron nesse período do século XX já são *paradigmas*.

Para a comunidade judaica dos leitores hebraizantes da Palestina, ela se tornou um relato histórico em relação ao qual todo desvio, na medida em que pudesse ocorrer, era então capaz de ser visto como estanho, se não hostil. Contudo, a verdade histórico-nacional era reunida não apenas pelos relatos de historiadores subjetivos isolados, mas em uma documentação cientificamente objetiva e metódica (SAND, 2011, 191 p.).

Assim, quando tem oportunidade Ben-Zin Dinur ele reorganiza o primeiro volume de sua obra *História de Israel (história de Israel: em seu país)*. Muda a forma de organização literária usa:

a estratégia positivista da criação de verdade histórica era idêntica. Dinur recortava a Bíblia em pedaços. Seu livro inteiro era uma construção sofisticada de citações tomadas nos livros da Bíblia e misturadas a outros elementos: vários documentos epigráficos descobertos durante escavações arqueológicas no Oriente Médio, algumas frases de historiadores gregos e curtas observações tiradas do Talmude (SAND, 2011, 191 p.).

De maneira bem conclusiva, que Ben-Zin Dinur ele tinha por base e Bíblia, mas ele pesquisa em outras fontes, para ser um livro mais fácil de entendimento. Pois, a Bíblia não era um livro muito – pelo contrário, era bem complexa, devido, a distância cultural e temporal. “Disso vem sua decisão de reescrevê-la, adaptando-a ao espírito cientí-

fico de sua época” (SAND, 2011, 192 p.). Portanto, é inegável a contribuição da Historiografia Teológica com: a exatidão dos fatos; a investigação dos arquivos e fontes e metodologia. Mas, a ponta de lança dessa contribuição é a construção da consciência nacional, que era diretamente relacionada com a Terra de Israel.

A nacionalização da Bíblia e sua transformação em um livro histórico confiável começaram então por um impulso romântico de Heinrich Graetz, foram desenvolvidas com prudência *de diáspora* por Doubnov e Baron, depois completadas e levadas ao auge pelos fundadores da historiografia sionista que tiveram um papel importante na apropriação ideológica do território antigo. Os primeiros historiadores e escrever em hebraico moderno, que erroneamente acreditavam ter se originado da língua bíblica, eram considerados então os sacerdotes mais importantes e os mais legítimos para participar na elaboração do panteão da longa memória nação judaica (SAND, 2011, 192 p.).

Política e Arqueologia.

Dentre tantas atividades de Ben-Zin Dinur, o que mais nos chama atenção é a sua presença nos anos de 1950 junto a David Ben Gourion (primeiro chefe do governo israelense). Esta era um Estadista Populista ao ponto de usar a Bíblia como dogma político. “Compreendeu relativamente cedo que o texto sagrado podia se tornar laico-nacional e constituir o reservatório central do passado, contribuindo para que centenas de milhares de novos imigrantes se tornassem um povo unificado, e vinculado as novas gerações à terra” (SAND, 2011, 195 p.). A Bíblia foi o norte para David Ben Gourion escrever seus discursos políticos. Assim, acabo ocorrendo associações:

Ben Gourion e os outros dirigentes da revolução sionista, altos militantes e intelectuais de Estado, estavam persuadidos de que produziam a conquista do país bíblico e a criação de um Estado no modelo do reino de Davi. Para eles, os acontecimentos da história contemporânea só adquiriram significado no pano de fundo os acontecimentos paradigmáticos do passado. Nos dois casos, os revolucionários sonharam com a criação de um homem inteiramente novo, mas os elementos dessa construção provinham de um passado (SAND, 2011, 195 p.).

O Círculo de Estudo dos Intelectuais muitos diversificado, não era composto somente de Historiadores, era na casa David Ben Gourion. Esse Círculo teve tanta notabilidade, que seus debates eram publicados. Pois, o grupo era composto de homens de grande intelectualidade, que estavam em busca de novas pesquisas.

Entre seus membros permanentes estavam, encontravam-se comentarista fundamentalista da Bíblia, Yehezkel Kaufmann, célebre comentarista fundamentalista da Bíblia, Benjamin Mazar, um dos mais importantes arqueólogos bíblicos, o presidente de Estado Yizhar Be Zvi, o futuro presidente Zalman Shazar e vários outros eruditos e homens políticos importantes. Tratava-se de uma conjunção de trocas intelectuais e políticas que deu o tom à pesquisa científica, assim como contribuiu para formar a opinião pública e fez irradiar

seus valores e sua ideias em todo o sistema educacional (SAND, 2011, 196 p.).

David Ben Gourion era ativista da Intelectualidade, era atuante em Congressos e Conferências sobre a Bíblia. Além de entusiasta da Arqueologia – e um dedicado debatedor historiográfico. Para ele a Bíblia era o grande cerne da construção *mítico-histórica*, que diretamente é usada para construir a ideologia sionista. Ele conseguiu superar os estigmas de intelectual frustrado, e redimensionou a interpretação sobre a Bíblia. Para Ben Gourion “a história nacional seria então muito mais antiga do que supunham os historiadores sionistas” (SAND, 2011, 198 p.). David Ben Gourion sempre se construiu como historiador usando dois pilares a linha científica:

Assim ele podia escrever que o acontecimento que tem um significado determinante na história judaica é a promessa do país de Canaã para a descendência de Abrão e Sarah. Todas as opiniões estão de acordo para afirmar que nenhuma fonte externa pôde contradizer esse testemunho forte e categórico dos autores bíblicos sobre a promessa divina. Com temperamento intelectual e messiânico, esse dirigente, ajudado pelos historiadores, moldou assim toda uma cultura nacional (SAND, 2011, 199 p.).

A partir no nascimento do Estado de Israel, ou seja, 15 de Maio de 1948. Aos poucos tudo acabou sofrendo uma mutação. Nunca mais as coisas foram iguais. Vinda da Elite tudo escorreu para s demais classe, querendo ou não admitir. Houve uma manipulação do conhecimento em favor de uma classe, “a Bíblia se tornou um ícone central na elaboração do imaginário social” (SAND, 2011, 200 p.). Na verdade, ficaram em voga os nomes bíblicos mais importantes, e diminuíram o número de nomes da *diáspora judaica*.

A hebraização não alcançou apenas os humanos quase todas as novas localidades construídas receberam um nome hebraico antigo. Isso, inicialmente, par apagar em definitivo o nome árabe local, e em segundo lugar para contribuir para pular mentalmente o longo período do exílio que se findou de vez com a criação do Estado. No entanto, revela-se que não era o novo aparelho do Estado impunha a admiração pela Bíblia às instituições educacionais. O sistema de ensino anterior à criação do Estado assim como o jovem campo literário já haviam há muito feito da Bíblia o fulcro genealógico central em torno do qual se cristalizou a consciência do passado de seus consumidores nacionalistas (SAND, 2011, 200 p.).

A *Intelligentsia* é a responsável pela disseminação bíblica nas Universidades. “Desde o início do século XX, com a ampliação da colonização e a criação das primeiras escolas e m língua hebraica, a Bíblia se tornou um livro educativo nacional ensinado como matéria independente, e não como parte integrante dos estudos da língua e de literatura” (SAND, 2011, 200 p.). Os Mestres bebem de: Heinrich Graetz; Simon Doubnov e Yavetz para usar a Bíblia como fonte de inspiradora identidade nacional, que contem

dois pilares: “a criação de um ponto de partida étnico para unificar a existência de comunidades religiosas variadas, dispersas no mundo inteiro, e a autopersuasão quanto ao direito de propriedade sobre a terra” (SAND, 2011, 201 p.). O sistema educacional foi à chave-mestra difusora, e sedimentadora do todo o tipo de hebraização para a Sociedade.

O sentimento de pertencimento autóctone foi inoculado por meio por meio de uso do conjunto de vários instrumentos: os novos livros de história, as aulas de educação cívica, as excursões cansativas que completavam as aulas abstratas com paisagens concretas e, como já mencionamos. Um curso de ensino da bíblia laico e distinto. Com a criação do Estado, essas práticas pedagógicas se tornaram normas de base em todas as vertentes do sistema educacional estatal (SAND, 2011, 201 p.).

Segundo Shlomo Sand, toda essa teia ideológica infla o imaginário de toda a Sociedade. Isso era o grande sonho da *Intelligentsia* e todos os que assentavam a sua mesa. A contribuição de Moshe Dayan, não foi só com o ensaio: *Viver com a Bíblia*.

Dayan não escondia o desejo imenso, que o acompanhou durante toda a vida, de adquirir relíquias do passado, e o leitor descobre as fotografias do próprio jardim do chefe militar moderno repleto de antiguidades. Sua casa se tornou ao longo dos anos uma espécie de terra de Israel bíblica em miniatura, e o grande número de objetos de valor em sua posse, do qual uma parte fora simplesmente roubada, traduz bem o sentido de propriedade desse audacioso filho de colono na terra Prometida. Moshe Dayan era, sabe-se um colecionador insaciável e, se Bem Gourion havia encontrado tempo livre para organizar em sua casa um círculo de estudos bíblicos, Dayan, por sua vez, transformara sua vasta residência em museu bíblico pessoal. O velho fundador do Estado de Israel reunia à sua volta intelectuais, mas seu jovem discípulo espiritual preferia colecionar pedras entalhadas, cerâmicas e estatuetas. Ambos estavam aureolados com uma mitologia enobrecedora justificando sua ação histórica essencial (SAND, 2011, 203 p.).

A Terra se revolta.

A arqueologia tomou um novo rumo com a guerra de 1967. Findou com as limitações geográficas. “A conquista da Cisjordânia lhes deu novos espaços e inúmeras novas glebas no coração da terra da Judeia bíblica, assim, como, certamente, na região de Jerusalém” (SAND, 2011, 208 p.). Houve um conjunto coisas boas aconteceram após a guerra.

No início, a alegria dos vencedores da guerra e misturou à felicidade dos arqueólogos. Boa parte da *intelligentsia* israelense se entregou à ternura do sonho da grande terra de Israel. Contava-se assim com inúmeros arqueólogos que sentiam chegar a hora e, que eles poderiam definitivamente reunir a antiga nação à pátria histórica, provando assim a legitimidade absoluta do texto (SAND, 2011, 208 p.).

Segundo Shlomo Sand, outra ferramenta ideológica foi arqueologia no período de 1948-67, esmo com demora nas primeiras descobertas. Os estudos de História nos

anos de 1960, e reflete nos anos de 1970 na arqueologia. A gangorra inverteu: “O recuo da historiografia clássica e o avanço da pesquisa histórica social, depois antropológica, levaram um grande número de arqueólogos a se voltarem para outros níveis das culturas do passado distante, como a vida cotidiana e material, o mundo do trabalho antigo, os modos de alimentação e de inúmeras e outras práticas culturais básicas” (SAND, 2011, 209 p.). A lógica da inversão da gangorra chegou as Universidades.

Agora, os historiadores Sionistas e Arqueólogos Israelenses, faziam questão não notar algumas descobertas. “Os arqueólogos e pesquisadores israelenses tinham menos interesse na arqueologia política dos acontecimentos do que na antropologia social, nos estudos regionais de existências e produção, nos rituais etc.” (SAND, 2011, 214-15 p.). O fruto disso foi o nascimento de um pomar de trabalhos relacionados ao povoamento da região de Canaã. “Para Graetz como para Dinur, e pare muitos israelenses que os sucederam, o reino nacional unificado em Davi e Salomão era o período de esplendor mais marcante da história do povo judeu” (SAND, 2011, 215 p.). Firmaram-se como referência política e espiritual.

Foi depois da guerra de 1967 que os arqueólogos e pesquisadores começaram a duvidar da própria existência desse imenso reino, que, segundo a Bíblia, se desenvolveu rapidamente até o fim do período dos juízes (...). Os arqueólogos inicialmente levantaram hipótese de que os vestígios desse período teriam sido apagados em épocas posteriores, assim como pelas inúmeras construções do período de Herodes, mas, infelizmente, descobriram-se em Jerusalém vestígios impressionantes de séculos anteriores (SAND, 2011, 216 p.).

A Arqueologia acabou se tornando uma ciência de questionamento. O aperfeiçoamento do carbono 14 gerou datações com aproximações mais precisas: “a colossal construção da região norte não foi edificada por Salomão, mas no período do reino Norte de Israel. De fato, não existe nenhum vestígio da existência desse rei lendário cuja riqueza a Bíblia descreve em termos que quase igualam os poderosos reis da Babilônia ou da Pérsia” (SAND, 2011, 217 p.). As pesquisas arqueológicas acabam por penetrar em todas as instâncias da vida, e sem dúvida. A religião é o centro disso:

As diversas escavações arqueológicas nos informam que esses habitantes eram, como os camponeses de Judá, fervorosos pagãos. O mais popular de seus deuses era Jeová, que se tornou pouco a pouco a principal divindade, como Zeus entre os gregos ou Júpiter entre os romanos, mas eles não haviam renunciado a adorar divindades como Baal ou Shalmash, e guardavam sempre um lugar em seu panteão para e bela sedutora Astarte. Os autores da Torá, monoteístas judaenses, detestavam os soberanos de Israel, mas não deixavam de invejar seu poder lendário e esplendor. Assim, adotaram sem hesitar o prestigioso nome de Israel, que era provavelmente aureolado por sua antiguidade, sem, no entanto, deixar de destacar e denunciar os pecados religiosos e morais destes (SAND, 2011, 218 p.).

Os mitos sobre o povo de Israel tornaram-se atemporais, pois, uma das principais bases do sionismo. Agora, já eram referências em todas as áreas, são fontes de ins-

piração para escritores. Os mitos tomaram uma proporção como nunca antes vista. Portanto não residiam mais somente entre o povo mais, agora, a sua é o mundo. É um caminho sem volta.

Esses mitos começaram a se romper, em Israel e no mundo, “por culpa” de arqueólogos e de pesquisadores incômodos e irresponsáveis, e, por volta do final do século XX, teve-se a impressão de que eles estavam a ponto de se transformar em lendas literárias, separadas da verdadeira história por um abismo que se tornava impossível preencher. Embora a sociedade israelense estivesse menos envolvida e diminuísse a necessidade de uma legitimação histórica que havia servido à sua criação e ao próprio fato de sua existência, era-lhe ainda difícil aceitar essas novas conclusões, e a rejeição do público diante dessa reviravolta da pesquisa foi maciça e furiosa (SAND, 2011, 220 p.).

A Bíblia como metáfora.

Segundo Shlomo Sand, os autores da Bíblia são estudados há séculos, desde o século XVII. Quanto à visão dos Pesquisadores Israelenses da Escola de Tel-Aviv. Principalmente, Nadav Na’aman, Israel Finkelstein, Ze’ev Herzog. “As análises desses historiadores, que nos informam que a Bíblia não poder ser escrita antes do século VIII a.C. e que maior parte de seus relatos não possui nenhuma base nos fatos, são suficientemente convincentes” (SAND, 2011, 220 p.). Pode ser inserida outra visão de pesquisa não se situando somente entre os Pesquisadores Israelenses:

A abordagem dos pesquisadores da Escola de Copenhagen-Scheffield – Thomas Thompson, Niels Lemche, Philip Davies e outros – é ainda mais convincente, mesmo que não se seja obrigado a aceitar todas as suas hipóteses e conclusões: não haveria, de fato, um livro, mas toda uma biblioteca extraordinária que teria sido escrita, reelaborada e revista durante mais de três séculos, do final do século VI a.C. ao início de século II. Deve-se ler a Bíblia como um sistema multiestratificado de debates filosófico-religiosos, ou como um complemento teológico que às vezes fornece descrições mais ou menos históricas com objetivo pedagógico, destinadas essencialmente às gerações futuras (...) (SAND, 2011, 225-26 p.).

Segundo Shlomo Sand, a Bíblia desde muito tempo ela é referência para o: “judaísmo, cristianismo e islã – um livro sagrado ditado por Deus, prova de sua revelação e de sua supremacia” (SAND, 2011, 227 p.). A Bíblia serviu para a construção de uma base étnica indiscutível. “Assim, o Antigo Testamento se transformou em um livro laico, ensinando às crianças quais foram seus antigos ancestrais e com o qual os adultos logo partiram gloriosamente em direção às guerras de colonização e de conquista da soberania” (SAND, 2011, 229 p.).

Em suma, o trabalho redigido é um trecho do livro: *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao Sionismo*. O autor é Shlomo Sand, não é um especialista na área de Anti-

guidade, pois, e seu Mestrado é em História na França. E o seu título de *PHD* é em: Georges Sorel e Marxismo. Lógico, que isso não o descredencia a escrever sobre os Judeus e a questão da Simbiose Sionista Bíblica com o Sionismo político.

Todavia, a obra é auto explicável. O grande segredo e genialidade que lhe dá autenticidade e autoridade para falar sobre o assunto. É a seleção de miríades que Shlomo Sand faz questão de trazer para o debate historiográfico, e o coelho da cartola é que nem todos são historiadores. Para embasar sua linha de raciocínio ele traz intelectuais notáveis de áreas muito diferentes: Jacques Basnage Teólogo, Diplomata, Escritor, Historiador e Pastor; Isaak Markus Jost Pedagogo, Gramático; Leopold Zunz Filólogo e Ativista Político. Poderiam ser citados muitos outros Intelectuais, mas, essa estratégia de Shlomo Sand faz da sua obra algo ímpar.

Bibliografia.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1026 p.

BOBBIO, Norberto, 1909. *A teoria das formas de governo*. Tradução de: Sérgio Bath, 9ª edição. Brasileira: Editora Universidade de Brasília, 1997, 183p.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I*. ; tradução: Carmen C, Varriale et ai. Coordenador de tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. Vol. 1: 674 p.

COHN-SHERBOCK, Dan, EL-ALAMI, Dawoud. *O Conflito Israel Palestina: para entender...* Tradução: Claudio Blanc Morais. São Paulo: Editora: Palíndromo, 2005.

DEMANT, Peter Robert. *O Mundo Mulçumano*. Revisão: Edna Adorno, Luciana Salgado e Texto & Arte Serviços Editoriais. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2013.

HEYWWOD, Andrew. *Ideologias Políticas, [v.1]: do Liberalismo ao Fascismo*. Tradução: Janaína Marco Antonio, Mariane Janikian. 1ª Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática, 2010.

HOBBSAWN, Eric J. *Era dos Impérios*. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão: Maria Celia Paoli. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOURANI, Albert Habib. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita. – São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

SAND, Shlomo. *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao Sionismo*. 1ª edição. Tradução: Eveline Boutiller. São Paulo: Bendirá, 2001. 576 pp.: 23 cm

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

MAZUI, Ali A., WODJI, Christopher. *História Geral da África VIII: África desde 1935*. Tradução: Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais, 1931-45*. 3ª edição – Porto Alegre: edição de Universidade /UFRGS. 1989.